

Hegel e Vico: o sentido da história

RESUMO

Este artigo analisa as reflexões de Hegel e Vico sobre o sentido da história enquanto processo compreendido filosoficamente pelo movimento em que o universal está expresso no particular e o devir histórico desvela uma unidade inerente ao estabelecimento do homem enquanto sujeito histórico no mundo. Em Vico a história é um processo gradual de humanização do homem, onde através de elementos como a filologia, podemos compreender o sentido dessa humanização. Em Hegel devemos compreender o sentido da história pelo movimento dialético onde as contradições se evidenciam e a Razão é desvelada garantindo um desdobramento progressivo da liberdade.

Palavras-chave: Hegel; Vico; Teorias da História.

ABSTRACT

This article compares the accounts of the historical process proposed by Vico and Hegel. They both share the vision that human beings are subjects of history and that there is a unity in the unfolding of history. It will be claimed, nonetheless, that whereas Vico thinks history as a process of progressive humanization that can be understood with the help of philology, Hegel believes it to be the place where the contradiction of the dialectical process progressively manifests reason and asserts freedom.

Key words: Hegel; Vico; Theories of History.

* Mestrando em Filosofia, Universidade Estadual do Ceará

Introdução

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a filosofia da história à luz das reflexões de Hegel e Vico, no sentido de compreender o processo histórico pela reflexão filosófica.

Para esses pensadores a História é movida pela busca de sentido, ou seja, pela decisão do universal por trás do particular articulando a totalidade dos modos de ser e das criações humanas no mundo.

Nesse sentido, Vico argumentou em sua *Ciência Nova* que todos os povos passam por um estágio divino, um heróico e um humano, desenvolvendo-se progressivamente do pensamento sensorial para o pensamento abstrato, da ética heróica para a moralidade e do privilégio para a igualdade de direitos.

Na história, temos um processo gradual de humanização do homem, pois o movimento humano, no tempo, caminha para o melhor, ou seja, uma espécie de processo civilizador que leva ao mundo civil, o qual

[...] provendo Deus, ordenou e dispôs de tal modo as coisas humanas, que os homens, caídos da inteira justiça pelo pecado original, entendendo fazer quase sempre todo o diverso e até, freqüentemente, todo o contrário – pelo que, para servir a utilidade, viveram em solidão como animais selvagens -, por aquelas mesmas suas vias diversas e contrárias, pela própria utilidade foram eles levados como homens a viver com justiça e conservar-se em sociedade e, assim, a celebrar a sua natureza sociável; a qual, na obra, se demonstrará ser a verdadeira natureza civil do homem e, assim, existir um direito natural. Essa conduta da Providência divina é uma das coisas de que principalmente se ocupa de refletir esta Ciência; pelo que, por esse aspecto, vem ela a ser uma teologia civil reflectida da providência divina.¹

Assim do estágio divino ao humano, os homens caminham no sentido da sociabilidade que os impulsiona a viver com justiça e a conservar-se em sociedade, onde pela necessida-

de e utilidade comuns os indivíduos buscam uma integração em uma comunidade política.

No pensamento hegeliano, devemos buscar perceber um movimento dialético na história e um sentido racional, enquanto fio condutor do processo histórico, que garante a realização da idéia de liberdade, mas não com um fim determinado, pois tal fio condutor apenas nos mostra que há uma Razão na história. Sobre isso, afirmou Hegel:

É realmente esse desejo pela compreensão racional, pelo conhecimento, e não simplesmente por uma acumulação de fatos diversos, que deveriam ser pressupostos como aspiração subjetiva do estudo das ciências. Pois, mesmo que não se estivesse abordando a história do mundo com a reflexão e o conhecimento da Razão, pelo menos se deveria ter a fé invencível e firme de que há Razão na história, acreditando que o mundo da inteligência e da vontade consciente não está abandonado ao simples acaso, mas deve manifestar-se à luz da Idéia racional.²

Portanto, a história, impulsionada pela Razão, deve ser entendida como um desdobramento progressivo da liberdade, onde os acontecimentos não se dão ao acaso, mas antes são guiados pelo desejo de realização da liberdade que, por sua vez, é um desejo infinito, no sentido de realização plena da humanidade no devir, que se torna inteligível na medida em que é racional.

Assim, tanto em Hegel como em Vico, identificamos um sentido universal para o processo histórico. Pretendemos, portanto, proceder, neste trabalho, uma análise de algumas questões relevantes nas propostas de reflexão filosófica da história dos dois pensadores.

Na filosofia da história de Vico pretendemos destacar algumas questões relacionadas à abordagem do processo histórico, identificando a valorização de alguns elementos relevantes como a sabedoria poética, a filologia e a religião enquanto elementos integradores da humanidade no sentido de uma história da humanização do homem e de sua formação social

¹ VICO, Giambattista. *Princípios de ciência nova* – acerca da natureza comum das nações. Edição de 1744. Lisboa: Fundação Calouste, 2005. p. 4.

² HEGEL, G.W.F. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. 2ª. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 54.

à luz dos valores e dos modos de pensar de cada povo.

No pensamento hegeliano acerca da filosofia da história pretende-se enfatizar o sentido racional do Espírito universal enquanto desdobramento progressivo da liberdade no processo histórico.

Por fim, pretendemos identificar, na história, o sentido universal apresentado pelos dois pensadores. Existem, porém, em ambos, diferenças na abordagem e no sentido do processo de universalização da existência humana no tempo.

Vico e os Três Tempos do Mundo – Poesias/Mitos, Filologia, Costumes e Religião Superando a “Obscuridade das Causas” e Revelando o Sentido da História

A filosofia da história de Vico baseia-se na inter-relação linguagem, pensamento e mito/poesia, no sentido da superação da “obscuridade das causas”, buscando uma unidade da cultura humana e, portanto, um sentido para o processo histórico.

Esse sentido vincula-se inicialmente à imaginação e à sabedoria poética, escapando do monopólio da razão, pois os poetas são identificados como construtores da cultura e divulgadores dos costumes dos homens.

O mundo humano nasce de uma ordem imagético-religiosa fundamentada pela crença na superação do barbarismo com a unificação das idéias e costumes nas práticas religiosas que fundam o mundo civil.

Assim, o matrimônio foi a primeira das coisas humanas a dar origem às famílias e, posteriormente, às repúblicas, levando os homens a viver em sociedade. A segunda das coisas humanas foram as sepulturas onde ocorre o reconhecimento da mortalidade do corpo e a imortalidade da alma.

Para Vico, a história é um processo gradual de humanização do homem, onde pela contribuição da metafísica temos a possibilidade de empreender uma história das idéias humanas, captando desde as “mentes tolas” dos

ditos fundadores das nações gentias até as formulações mais racionais. Como escreveu Vico:

[...] é que nós descemos finalmente às mentes tolas dos primeiros fundadores das nações gentias, todos de robustísimos sentidos e vastíssimas fantasias; e - por isso mesmo, pois não tinham mais do que a única faculdade, e mesmo assim toda confusa e estúpida, de poder usar a mente e a razão humanas -, comprova-se que os princípios da poesia eram, não apenas diferentes, mas também totalmente contrários daqueles que, até agora, se pensou, e que, por essas mesmas razões, surgem como princípios ocultos da sabedoria poética, ou seja, a ciência dos poetas teólogos, a qual foi, sem dúvida, a primeira sabedoria do mundo para os gentios.³

A poesia foi a primeira sabedoria do mundo para os gentios, onde os chamados poetas teólogos, aparecem como construtores da cultura e divulgadores dos costumes. Os mitos e as poesias são temas centrais no pensamento de Vico. Na sua filosofia da história, mitos e poesias constituem a chave para a compreensão dos mistérios de épocas longínquas da história, pois as artes chegaram antes da filosofia na significação do mundo, constituindo-se como algo universal e atribuindo um sentido a história da humanidade. Os princípios que compõe a matéria poética são: a fábula, o costume, o decoro, a sentença, a locução e a sua evidência, a alegoria, o canto e por último o verso.

Nesse sentido, o caminho traçado por Vico envolve a procura da verdade dos primeiros autores/poetas que seriam fundadores das nações. Posteriormente (Vico define uma passagem de mais mil anos), temos o aparecimento dos escritores, o surgimento da escrita.

Assim, das primeiras culturas fundamentadas na oralidade de suas fábulas e mitos até o domínio da escrita, temos um longo caminho que deve ser compreendido pelos filósofos que desejam refletir sobre o sentido do processo histórico. O saber filosófico deve ser articulado ao filológico, entendido aqui numa amplitude que envolve língua, história e cultura de cada povo.

Com isso, a filosofia deve se dedicar a filologia, ou seja, preocupar-se com todas as

³ VICO, Giambattista. *Princípios de ciência nova – acerca da natureza comum das nações*. p. 7-8.

histórias das línguas, os costumes e os fatos dos povos, pois apenas dessa forma podemos trilhar o caminho da "história ideal eterna."

[...] a filosofia dedica-se aqui a examinar a filologia (ou seja, a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos factos, tanto da paz como da guerra dos povos), a qual, pela sua deplorada obscuridade das causas e quase infinita variedade dos efeitos, teve quase um horror de sobre ela reflectir; e traduzi-la em forma de ciência, ao revelar nela o desenho, de uma história ideal eterna, sobre a qual transcorrem no tempo as histórias de todas as nações: de modo que, por este seu outro aspecto principal, vem esta Ciência a ser uma filosofia da autoridade. Pelo que, em virtude de outros princípios de mitologia aqui revelados, que vão no seguimento dos outros princípios da poesia aqui descobertos, se demonstra terem sido as fábulas verdadeiras e rigorosas histórias dos costumes das antiqüíssimas gentes da Grécia e, primeiramente, que aqueles deuses foram histórias dos tempos em que os homens da mais rude humanidade gentílica acreditavam que todas as coisas necessárias ou úteis ao gênero humano eram deidades.⁴

A história ideal, eterna, articula as histórias de todas as nações no sentido de uma integração do processo universal de humanização do homem em uma espécie de lógica interna dos acontecimentos ditada por uma série de elementos que transcendem ao monopólio da razão.

Assim, identifica-se a força da imaginação pelas poesias, fábulas e até mesmo as divindades do mundo antigo como elementos profundamente esclarecedores da existência histórica dos diferentes povos.

Vico identifica dois significados para a história ideal-eterna que normalmente são unificados. O primeiro seria a determinação das formas, categorias ou momentos ideais do espírito na sua sucessão ideal; o segundo indica uma espécie de determinação aprioristicamente empírica da ordem em que para todas as nações devem suceder três formas de civili-

zação, de estado, de direito etc. As três formas ou o ciclo das três eras indicam um movimento nos modos de pensamento e as condições de possibilidade para as mudanças no sentido dos deslocamentos principais nos valores e modos de pensar.

Com isso, Vico percebe que o ciclo começa com a idade dos deuses, onde o homem não havia descoberto a si mesmo e exteriorizava, na figura de divindades, os eventos de sua vida e os fenômenos naturais, utilizando, para tanto, a linguagem poética; posteriormente, temos a idade dos heróis, permeada, ainda, de fantasia e imaginação na compreensão do mundo, onde algumas famílias assumem a posição de mando nas comunidades, regulam os conflitos existentes e controlam a posse das terras, consolidando-se como uma aristocracia. Nesse momento, os homens dividem-se em aristocratas (donos das terras) e plebeus (trabalhadores). Essa divisão implica em constantes conflitos sociais por conta das disputas pelas terras; finalmente, temos a idade dos homens onde ocorre o surgimento de democracias ou repúblicas populares livres, onde a religião e os mitos poéticos declinam mediante a difusão da filosofia.

Na idade dos homens, as relações de mando superam o controle e a ordem aristocrática e passam a ser alvo de disputa pelos diferentes grupos de cidadãos provocando uma quebra na unidade que vinha sendo constituída desde a idade dos deuses com a crença religiosa e, na idade dos heróis, com a disciplina aristocrática. Portanto, o movimento histórico na idade dos homens suplanta a ordem antiga pelo racionalismo individualista e desenvolve uma progressiva desintegração interna das sociedades facilitando o avanço das ameaças externas.

Assim, a idade dos homens, momento do desenvolvimento da razão, traz consigo o germe de sua destruição pelo individualismo expresso no racionalismo que dissolve as crenças e dogmas relativizando os valores definidos nas primeiras idades e indicando um retorno ao estado caótico dos primórdios da humanidade.

Todo esse processo de unificação articulado no ciclo das três eras vincula-se a um estudo sobre os valores e os modos de pensar

⁴ Idem., p. 9.

desencadeados pelos desenvolvimentos internos das sociedades ou culturas e revela um sentido para a história.

Hegel e a História como Sistema – o Sentido Racional do Espírito Universal no Desdobramento Progressivo da Liberdade

O sistema hegeliano deve ser entendido como um movimento que busca garantir uma unidade na totalidade. Esta deve ser percebida pela interdependência das partes que a compõem, ou seja, totalidade, unidade e interdependência são características necessárias do sistema.

A totalidade do sistema hegeliano envolve a *lógica*, entendida como o estudo do "pensamento puro" (destituído de realidade) ou da "idéia em si" (relação forma e conteúdo), a *filosofia da natureza*, entendida como a Idéia fora de si ou "para-si" (exteriorização) e a *filosofia do espírito*, entendida como a "Idéia em si e fora de si", onde a liberdade se efetiva.

O pensamento hegeliano busca apreender o processo histórico como sistema, estabelecendo à luz da Razão o sentido da história, buscando compreender a estrutura objetiva da realidade histórica pela razão dialética, garantindo o progresso das ciências humanas, sem as quais seria impossível refletir sobre a totalidade do processo.

Portanto, ciências como economia, sociologia, política e antropologia adquirem uma importância fundamental no entendimento sistêmico da história, pois essas ciências possibilitam um maior entendimento da estrutura objetiva da realidade histórica, desde os indivíduos, passando pelos povos, chegando aos estados.

Nesta marcha do espírito, os Estados, os povos e os indivíduos erguem-se singularmente no seu definido princípio particular que se exprime na constituição de cada um e se realiza no desenvolvimento da sua situação histórica; têm eles a consciência deste princípio, no interesse por ele estão absorvidos, mas são ao mesmo

tempo instrumentos inconscientes e momentos daquela atividade interior em que desaparecem as formas particulares e o espírito em si e para si prepara o trânsito ao grau imediatamente superior.⁵

Assim, a compreensão do sentido da história no pensamento hegeliano passa pelo estudo integrado de todos os aspectos da existência humana, no sentido dialético. Portanto, apenas na análise sistêmica do processo histórico pode-se atribuir sentido ao mesmo e captar o espírito do mundo, pois, como Hegel afirma, é na consciência real e imediata que devemos buscar o valor e o significado de elementos como as virtudes, as paixões, a justiça ou o esplendor da vida coletiva. Porém, o pensador nos exorta que na realidade imediata podemos apenas captar fragmentos ou abstrações do Todo, pois apenas através da História universal atingimos a compreensão da ação do espírito universal

A justiça e a virtude, a violência, o vício, o talento, a ação, as grandes e pequenas paixões, o crime e a inocência, o esplendor da vida individual e coletiva, a independência, a felicidade e a desgraça dos Estados e dos indivíduos, é no domínio da consciência real imediata que têm definidos o seu significado e o seu valor, nele encontram o seu juízo e sua justiça embora incompletos. A história universal está fora destes pontos de vista. Nela adquire um direito absoluto o momento da idéia do espírito universal que é a sua atual expressão; o respectivo povo e as suas ações aí obtêm realização, felicidade e glória.⁶

Portanto, a compreensão dialética da história no pensamento hegeliano requer uma percepção do processo histórico como sistema, que na interdependência das partes, desde a consciência real e imediata até o momento da idéia do espírito universal, busca a totalidade no sentido de perceber uma unidade nos vários momentos do processo, desde o indivíduo na sua subjetividade até a concretização do estado através da especificidade de um povo historicamente constituído.

Destacamos que o sistema hegeliano deve ser percebido como um movimento aberto

⁵ HEGEL, GWF. *Princípios da filosofia do direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 308.

⁶ Idem., p. 309.

e dinâmico, pois apenas dessa forma poderia ser constituído por seres humanos reais e acima de tudo historicamente constituídos.

No entanto, para a compreensão do mundo humano, entendido como o mundo onde a liberdade se efetiva, devemos compreender o movimento do espírito como a essência em-si-e-para-si-essente que, ao mesmo tempo, é para si como consciência e que se representa a si mesma. Como nos afirma Hegel:

O espírito é a *substância* e a essência universal, igual a si mesma e permanente: o inabalável e irredutível *fundamento* e *ponto de partida* do agir de todos, seu *fim* e sua *meta*, como [também] o *Em-si* pensado de toda a consciência-de-si. Essa substância é igualmente a *obra* universal que, mediante o *agir* de todos e de cada um, se engendra como sua unidade e igualdade, pois ela é o *ser-para-si*, o Si, o agir. Como *substância*, o espírito é *igualdade-consigo-mesmo*, justa e imutável; mas como *ser-para-si*, é a essência que se dissolveu, a essência bondosa que se sacrifica. Nela cada um executa sua própria obra, despedaça o ser universal e dele toma para si sua parte. Tal dissolução e singularização da essência é precisamente o *momento* do agir e do Si de todos. É o movimento e a alma da substância, e a essência universal efetuada. Ora, justamente por isso – porque é o ser dissolvido no Si – não é a essência morta, mas a essência *efetiva* e *viva*.⁷

O espírito deve ser entendido como efetividade ética, a vida ética de um povo, onde todas as figuras da consciência são abstrações do espírito. Na filosofia do espírito, podemos compreender a substância e a essência universal no movimento dialético, proporcionada na dissolução e na unidade dos momentos.

Compreendendo o processo de fragmentação do universal, no sentido da singularização da essência no agir de todos, Hegel esclarece que “a história do mundo está no domínio do espírito”, pois a realidade mais concreta do Espírito apresenta-se na história do mundo.

Nesse sentido, a *filosofia do espírito* articula as seguintes dimensões do espírito: a subjetiva, a individualidade onde se efetiva a consciência de si imediata; o espírito objetivo, onde temos o desenvolvimento da eticidade que se estabelece pelo homem nas instituições como a família, a sociedade civil e o Estado; o espírito absoluto expresso na arte (sensibilidade), na filosofia (conceito “puro”) e nas representações religiosas.

Na História, temos o desenvolvimento da unidade totalizada do sistema, no qual a liberdade se realiza, num contínuo movimento dialético, podemos perceber uma continuidade na descontinuidade, captando o sentido racional do processo histórico:

O elemento de existência do espírito universal – que é intuição e imagem na arte, sentimento e representação na religião, pensamento puro e livre na filosofia – é, na história universal, a realidade em ato, em toda a sua acepção: interioridade e exterioridade. Constitui a história um tribunal porque, na sua universalidade em si e para si, o particular, a sociedade civil e o espírito dos povos em sua irisada realidade apenas são como algo da natureza da idéia separada; neste elemento, o movimento do espírito consiste em tornar isso evidente.⁸

Assim, a história deixa de ser um simples registro de fatos e relatos ocorridos em uma dada sucessão temporal e apresenta uma compreensão dos acontecimentos pelo uso da razão dialética, definida como propulsora da história. Nesse sentido, Lima Vaz nos esclarece:

[...] a Razão presente no existir (*Dasein*) histórico dos indivíduos e das comunidades é manifestada em ações, instituições, fins etc. Sem a presença da Razão como *enteléquia* ou alma do seu vir a ser, o desenrolar empírico da história mergulharia no puro aleatório ou no absurdo. Eis por que, afirma Hegel, a Filosofia só pode pensar a história quando um ciclo histórico se cumpriu e as razões nele presentes podem ser dialeticamente articuladas.⁹

Com isso desenvolve-se um encadeamento “interior” e “necessário” entre as épocas

⁷ HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 305.

⁸ HEGEL, G.W.F. *Princípios da filosofia do direito*. p. 307.

⁹ VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia IV - introdução a ética filosófica* 1. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 393.

e as chamadas fases da história, a partir desse encadeamento que se efetiva no tempo, entende-se aqui “tempo humano”, portanto consciente de si mesmo, podemos estabelecer uma interdependência entre a memória do passado, a percepção do presente e a projeção do futuro.

Hegel procura compreender através da filosofia da história o que ele define como a natureza da história em si, ou seja, captar dialeticamente o desenvolvimento do espírito no tempo, nos seus diversos momentos, procurando perceber a Razão como lei do mundo, desde o fato imediato registrado até a busca do sentido histórico na reflexão filosófica. Portanto, devemos compreender racionalmente o processo histórico

É realmente esse desejo pela compreensão racional, pelo conhecimento, e não simplesmente por uma acumulação de fatos diversos, que deveriam ser pressupostos como aspiração subjetiva do estudo das ciências. Pois, mesmo que não se estivesse abordando a história do mundo com a reflexão e o conhecimento da Razão, pelo menos se deveria ter a fé invencível e firme de que há Razão na história, acreditando que o mundo da inteligência e da vontade consciente não está abandonado ao simples acaso, mas deve manifestar-se à luz da Idéia racional.¹⁰

Assim, a Razão é o elemento propulsor do devir histórico, mas, para além desse elemento racional, a história só pode ser percebida como um processo sistêmico quando identificamos a possibilidade de articulação dos diversos elementos que fazem parte da existência humana no tempo.

O tempo deve ser entendido como um *continuum* e irreversível articulador da ação humana, porém, não é um todo homogêneo e desarticulado, mas um processo de articulação das fases e períodos da história, garantindo a possibilidade do entendimento de todo o processo histórico.

Esse tempo humano, consciente de si mesmo, entendido por Hegel como algo intrínseco nas coisas finitas, é inerente ao homem, no presente, pela ação da memória, no sentido

de apropriação do passado pelo presente e a reflexão do próprio presente.

Essa reflexão sobre o processo histórico é definida pela ação da filosofia que é essencialmente retrospectiva limitando-se a refletir sobre o passado e o presente, pois não podemos prever ou predeterminar o futuro, mas, acima de tudo, estabelecer uma conciliação com o presente.

Com isso, identificamos o tempo como uma estrutura unitária e contínua do mesmo processo totalizado. Assim, as partes ou épocas e fases da história possuem uma articulação interior e *necessária*, onde na dialética dos espíritos particulares dos povos, os acontecimentos são representados pelos espíritos dos povos enquanto algo determinado e efetivo, limitado, tendo sua autonomia como algo subordinado, passando para a história mundial universal. Esse movimento inclui e relaciona o momento particular e específico e o momento universal:

Esse movimento é a via da libertação da substância espiritual, o ato pelo qual o fim último absoluto do mundo nele se cumpre, [pelo qual] o espírito que primeiro só é essente *em si*, se eleva à consciência e à consciência-de-si, e assim à revelação e à efetividade de sua essência essente em si e para si, e se torna para si mesmo, o espírito exteriormente *universal*, o *espírito-do-mundo*. Enquanto esse desenvolvimento é no tempo e no ser-aí, e por isso, enquanto história, seus momentos e graus singulares são os espíritos-dos-povos; cada um, como espírito singular e natural em uma determinidade qualitativa, é determinado para ocupar somente *um grau*, e para só cumprir *uma* tarefa do ato total.¹¹

Assim, a história mundial universal aparece como o momento de unidade no sistema, no sentido da identificação do *espírito do mundo*. Porém, o movimento dialético da história é estabelecido no tempo, como algo aberto, pois não podemos prever o futuro e a compreensão do todo só pode ser estabelecida pelo entendimento integrado de todos os momentos. Com isso cada momento torna-se fundamental para a percepção do sentido do processo histórico buscando captar aquilo que é universal ou o *espírito do mundo*.

¹⁰ HEGEL, G.W.F. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. p. 54.

¹¹ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. III. A filosofia do espírito. São Paulo: Loyola, 1995. p. 321.

Pelo entendimento racional podemos perceber o sentido da história enquanto processo dialético de articulação das partes no sentido da busca pela unidade, onde a verdade da história do mundo revela-se como produto da própria Razão.

Nesse sentido, através do conhecimento sistemático da história, o homem pode compreendê-la e realizar um progresso na consciência da liberdade que se aprofunda num desenvolvimento por graus onde cada mudança no espírito é um progresso.¹²

Referências Bibliográficas

HEGEL, G.W.F. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. 2. ed. Tradução de Beatriz Sidon. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. III. A filosofia do espírito. Tra-

dução de Paulo Meneses, com a colaboração de Pe. José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Fenomenologia do espírito*. 4. ed. Tradução de Paulo Meneses, colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*. Alianza Universidad, 1989.

_____. *Princípios da filosofia do direito*. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOARES, Marly Carvalho. *Sociedade civil e sociedade política em Hegel*. Fortaleza: Ed. UECE, 2006.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia IV - Introdução a ética filosófica* 1. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VICO, Giambattista. *Princípios de ciência nova - acerca da natureza comum das nações*. Edição de 1744. Lisboa: Fundação Calouste, 2005.

¹² Cf. SOARES, Marly Carvalho. *Sociedade civil e sociedade política em Hegel*. Fortaleza: EdUECE, 2006. p. 193.